

Uma Abordagem Desenvolvimental Integrada das Intervenções Destinadas a Crianças Jovens com Dificuldades Graves da Relação e da Comunicação

STANLEY I. GREENSPAN, M.D., BETHESDA, MARYLAND, SERENA WIEDER, PH.D., SILVER SPRING, MARYLAND

Em 20 anos de observação e trabalho clínico com centenas de crianças jovens com perturbações graves da relação e da comunicação, aprendemos quatro verdades importantes que continuam a orientar a nossa prática e que têm vindo a ser confirmadas por muitos dos nossos colegas:

- 1. Cada criança tem o seu próprio perfil de desenvolvimento e necessita de uma abordagem individual.** Por outras palavras, mesmo que o perfil de desenvolvimento da criança corresponda a uma determinada classificação diagnóstica, tanto a criança como a sua família continuam a precisar de uma intervenção individualizada, adaptada aos seus padrões específicos motor, sensorial e cognitivo, assim como às suas forças, recursos e preocupações.
- 2. Os sintomas e os problemas comportamentais da criança resultam frequentemente de problemas subjacentes da modulação e processamento sensorial, do planeamento motor e da integração afectiva** (ver Williamson e Anzalone).
- 3. As diferentes áreas do desenvolvimento estão inter-ligadas.**
- 4. As interações da criança no âmbito das suas relações e dos seus padrões familiares constituem o principal veículo para mobilizar o desenvolvimento e o crescimento.**

Numa revisão recente dos processos de 200 crianças com o diagnóstico de perturbações do espectro autista, verificámos que havia diferenças consideráveis quanto aos sintomas iniciais, ao nível de desenvolvimento e aos padrões de regulação. Contrariamente às descrições tradicionais, cerca de três em cada quatro crianças tinham tido um desenvolvimento relativamente adaptado no primeiro ano de vida e tinham perdido capacidades e manifestado sintomas entre os 18 e os 30 meses de idade. Havia, contudo, um indicador precoce de dificuldades pervasivas – a ausência de padrões complexos de comu-

nicação pré-verbal para a resolução de problemas entre os 12 e os 18 meses – que distinguia as crianças que desenvolveram perturbações do espectro autista de crianças com perturbações específicas motoras, sensoriais, cognitivas ou da linguagem (Greenspan e Wieder, 1997b). Também verificámos que uma intervenção integrada e baseada no desenvolvimento, mais de metade destas crianças aprenderam a relacionar-se com outros com carinho e com reciprocidade afectiva, a comunicar com gestos e palavras de forma espontânea e creativa e a ter um pensamento lógico e abstracto. A nossa abordagem integrada permitiu trabalhar com os afectos e com as relações da criança, com o seu nível de desenvolvimento, com as suas diferenças individuais motoras, sensoriais, afectivas, cognitivas e de linguagem e com os seus padrões familiares; foi utilizado um leque alargado de terapias, que incluiu a terapia da fala, a terapia ocupacional e serviços de educação regular e especial (Greenspan, 1992; Greenspan e Wieder, 1997a e b).

Existem muitas estratégias de intervenção e educacionais para crianças com necessidades especiais, destinadas a promover os processos cognitivos, a linguagem, a motricidade e as funções sensoriais e sociais. Contudo, muitas destas abordagens:

1. Lidam com as crianças em grupo, em vez de trabalhar com elas individualmente, no contexto das suas diferenças individuais;
2. Pretendem modificar os sintomas e comportamentos mais óbvios, em vez de trabalhar as dificuldades nos mecanismos de processamento, que estão subjacentes;
3. Ocupam-se de áreas restritas do desenvolvimento, como as aptidões motoras, linguísticas ou cognitivas, em vez de fazer uma abordagem global que envolva todas as áreas do desenvolvimento; e
4. Trabalham directamente com a criança, em vez de trabalhar com os prestadores de cuidados, com a família e com a criança de forma integrada. Neste artigo, abordamos os pressupostos que estão na

base de várias formas de intervenção destinadas a crianças jovens com perturbações graves de relação e da comunicação e propomos uma intervenção desenvolvimental integrada.

Tipos de intervenção

Existem numerosos de tipos de intervenção para crianças com necessidades especiais, como aquelas que se baseiam na relação, as comportamentais, as educacionais e as familiares. Estas diferentes abordagens privilegiam, em parte, vários aspectos da complexidade do ser humano. Os seres humanos fazem parte de famílias, têm comportamentos, têm sentimentos íntimos e afectos, e têm aptidões sociais, cognitivas e intelectuais. Visto serem recomendadas intervenções globais (Dunlap e Fox, 1994), a tentativa de integrar intervenções que derivam de tradições inteiramente diferentes constitui um desafio.

Aqueles que preconizam uma intervenção numa área específica acreditam ou esperam que um impacto positivo num determinado aspecto da circunstância da criança ou da família irá também afectar outras áreas. Por exemplo, um terapeuta poderá assumir que, se conseguir modificar suficientemente o comportamento da criança,

as relações no seio da família e a própria estrutura familiar poderão melhorar. Do mesmo modo, se a criança adquirir certas aptidões académicas, talvez isto influencie a forma como ela se relaciona com crianças da mesma idade e a sua auto-imagem. Se, pelo contrário, o terapeuta conseguir modificar a forma como a criança sente e como experimenta as relações, talvez a criança sinta vontade de falar mais e de participar eventualmente em actividades educacionais de rotina. Infelizmente, os progressos obtidos numa área não resultam em progressos noutras áreas afins.

Pensamos que, para ser bem sucedido, um programa de intervenção deve envolver vários aspectos individuais da criança e da sua família, incluindo as suas necessidades especiais e as suas forças específicas.

Nos últimos 20 anos, tivemos oportunidade de trabalhar com um grande número de crianças e de famílias, com diferentes necessidades especiais (Greenspan, 1979, 1981, 1982, 1992, 1997a, 1997b; Greenspan et al., 1997; Wieder 1996). Esta experiência sugere a importância de uma intervenção integrada, adaptada aos desafios e às forças desenvolvimentais únicas de cada criança e de a cada família.